



PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA VOLUNTÁRIA – PICVOL

CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO TÍPICA DA CAATINGA NO ALTO SERTÃO SERGIPANO

Área do conhecimento: Avaliação, Produção e Conservação de Forragens

Relatório Final
Período: Agosto de 2017 a Julho de 2018

PICVOL

Orientador: Nailson Lima Santos Lemos
Autora: Maria Paula Rodrigues dos Santos

Nossa Senhora da Glória
2018

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 3 |
| 2. OBJETIVO..... | 4 |
| 3. METODOLOGIA | 4 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 6 |
| 5. CONCLUSÕES..... | 11 |
| 6. PERSPECTIVAS | 11 |
| 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 12 |
| 8. OUTRAS ATIVIDADES..... | 13 |

1. INTRODUÇÃO

Cerca de 40% do globo terrestre está ocupado pelas florestas tropicais e subtropicais, entre as quais 42% são compreendidas pelas florestas secas, onde inclui a caatinga. Assim como as diversas matas secas tropicais, a vegetação da caatinga também é alvo de grande exploração humana, pela atividade agrícola desenvolvida, pelo extrativismo na extração de madeiras e lenha e pelo uso da pecuária extensiva (Prado, 2003).

A caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro. É um dos biomas mais alterados pelas atividades humanas nos últimos séculos (MMA, 2012). Para Albuquerque et al. (2010) este bioma encontra-se bastante modificado devido à substituição de vegetação nativa por áreas de cultivo e pastagens. Outros fatores impactantes são o desmatamento e as queimadas, práticas comuns para a preparação da terra com fins agropecuários, alterando o ambiente, provocando a diminuição da diversidade vegetal e animal.

Araújo Filho e Crispim (2002) identificaram 2 tipos de caatinga divididas em dois módulos gerais: a caatinga arbórea, caracterizada por vertentes e pé-de-serras e dos aluviões e a caatinga arbustiva-arbórea onde é na sua maior parte dominantes nos sertões. Esses mesmo autores destacaram a presença de cerca de 596 espécies arbóreas e arbustivas, e destas identificaram 180 endêmicas.

A vegetação da caatinga vem sofrendo ação do homem por um processo de sucessão secundária devido ao grande potencial madeireiro. A sucessão secundária é o mecanismo pelo qual as florestas tropicais se autorenovam, através da cicatrização de locais perturbados. Este processo ocorre em locais já habitados cujo equilíbrio foi rompido devido alterações ambientais drásticas, causadas ou não pelo ser humano. (GOMEZ-POMPA, 1971).

As espécies lenhosas como o marmeleiro do mato (*Crotonsonderianus*) e a jurema preta (*Mimosa tenuiflora*) são as mais frequentes, porém outras espécies como catingueira (*Caesalpinhiapyramidalis*), mororó (*Bauhiniaforficata*), mofumbo (*Combretumleprosum*), também são alvos do extrativismo. Esses mesmos autores destacaram ainda como espécies mais comuns no estrato herbáceo o rabo de raposa (*Setariaparviflora*), o capim panasco (*Aristidasetifolia*), a alfazema brava (*Lavandulaofficianalis*), o mata-pasto (*Senna obtusifolia*), a malva branca (*Sida cordifolia*), a centrosema (*CentrosemapubescensBenth*), o feijão-de-rola (*Phaseduspatyróides*), a erva-de-ovelha (*stylosantheshumilis*), o bredo (*Amaranthusviridis*) dentre outras (Bakke et al., 2010).

O estado de Sergipe compreende 75 municípios e encontra-se dividido em oito territórios baseando-se em critérios como dimensões econômico-produtiva, sociais, político-institucionais e culturais. O Alto Sertão Sergipano está localizado no noroeste do Estado de Sergipe, formado por sete municípios: Canindé de São Francisco, Gararu, Monte Alegre de Sergipe, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Lourdes, Poço Redondo e Porto da Folha, com população de 141.597 habitantes e área de 4.908,00 km² (SERGIPE, 2007).

O clima do Alto Sertão Sergipano é megatérmico semiárido determinado por períodos de estiagem prolongado de, aproximadamente, 7 a 9 meses, com altas taxas de evaporação condicionada pela irregularidade de distribuição das chuvas e pelo sistema de circulação atmosférica. A precipitação pluviométrica varia de 500 a 700 mm, período chuvoso entre os meses de abril a julho e umidade relativa variando de 25% a 75% (SANTOS e ANDRADE, 1992).

A Caatinga Sergipana mostra-se heterogênea, apresentando variadas estruturas e fisionomias, por vezes apresenta-se semelhante à floresta, com árvores cujas copas do

estrato superior se tocam, formando um dossel contínuo e outras vezes são formadas de arbustos retorcidos, esparsos e com um estrato herbáceo rasteiro, recobrando ralmente o solo. Contudo, características como a caducidade da folhagem na estação seca, a presença de muitas espécies de troncos e galhos retorcidos, revestidos de espinhos, alguns representados pelas Cactaceae, Euphorbiaceae e Bromeliaceae, famílias mais abundantes em quase toda a área da caatinga (MENDES, 2017).

2. OBJETIVO

O objetivo desse projeto foi determinar a ocorrência de espécies vegetais presentes em áreas de caatinga do município de Nossa Senhora da Glória-SE.

3. METODOLOGIA

O experimento foi realizado no município de Nossa Senhora da Glória, que pertence à microrregião do Alto Sertão do São Francisco, localizada no noroeste do Estado de Sergipe, estado este que compõe a Região Nordeste do Brasil.

A coleta de dados foi feita durante cinco meses (junho/2017 a outubro/2017), período caracterizado como das águas, onde a precipitação registrada foi de 473 mm e a temperatura média de 23°C (Figura 1).

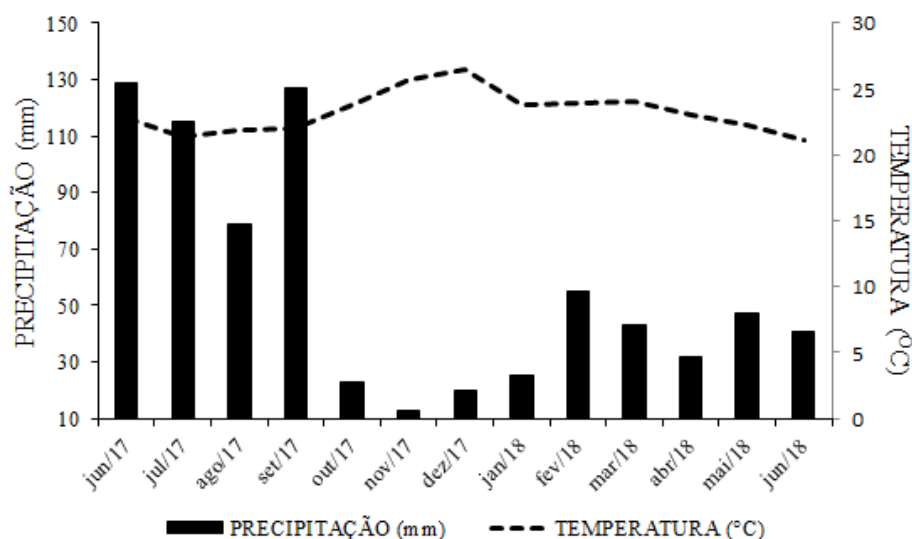


Figura 1. Condições climáticas durante o período experimental.

As avaliações foram realizadas em seis áreas de reserva ambiental (parcelas), variando de 30,3 a 90,9 hectares de área de Caatinga, em diferentes pontos geográficos distribuídos ao longo do município de Nossa Senhora da Glória-SE (Tabela 1 e Figura 2),

Tabela 1. Parcelas experimentais ao longo do município de Nossa Senhora da Glória-SE.

| Parcelas | Povoado | Porção | Latitude | Longitude | Altitude |
|----------|---------------|----------|-------------|-------------|----------|
| 1 | Boa Sorte | Sul | 10°16'22" S | 37°29'28" O | 220 m |
| 2 | Algodoeiro | Norte | 10°07'15" S | 37°34'19" O | 200 m |
| 3 | Aningas | Oeste | 10°11'07" S | 37°41'41" O | 280 m |
| 4 | Mucambo | Centro | 10°10'16" S | 37°32'01" O | 240 m |
| 5 | Piabas | Leste | 10°10'19" S | 37°26'58" O | 230 m |
| 6 | Morro do Pato | Nordeste | 10°05'38" S | 37°25'19" O | 160 m |

A estimativa da composição botânica, densidade e frequência das espécies vegetais foram obtidas através da amostragem dentro de uma circunferência amostral de

50 m², delimitadas por vergalhões, em cinco pontos aleatórios por parcela, totalizando 30 pontos amostrais e 1500 m² de área amostrada.

A composição botânica foi estimada através da contagem de indivíduos, identificação de espécies e classificação quanto ao hábito de crescimento (arbóreo, arbustivo ou herbáceo). As plantas foram identificadas pelo nome popular, sempre consultando um mateiro da região para confirmar a identificação e, posteriormente, nomeadas em espécies e famílias correspondentes.

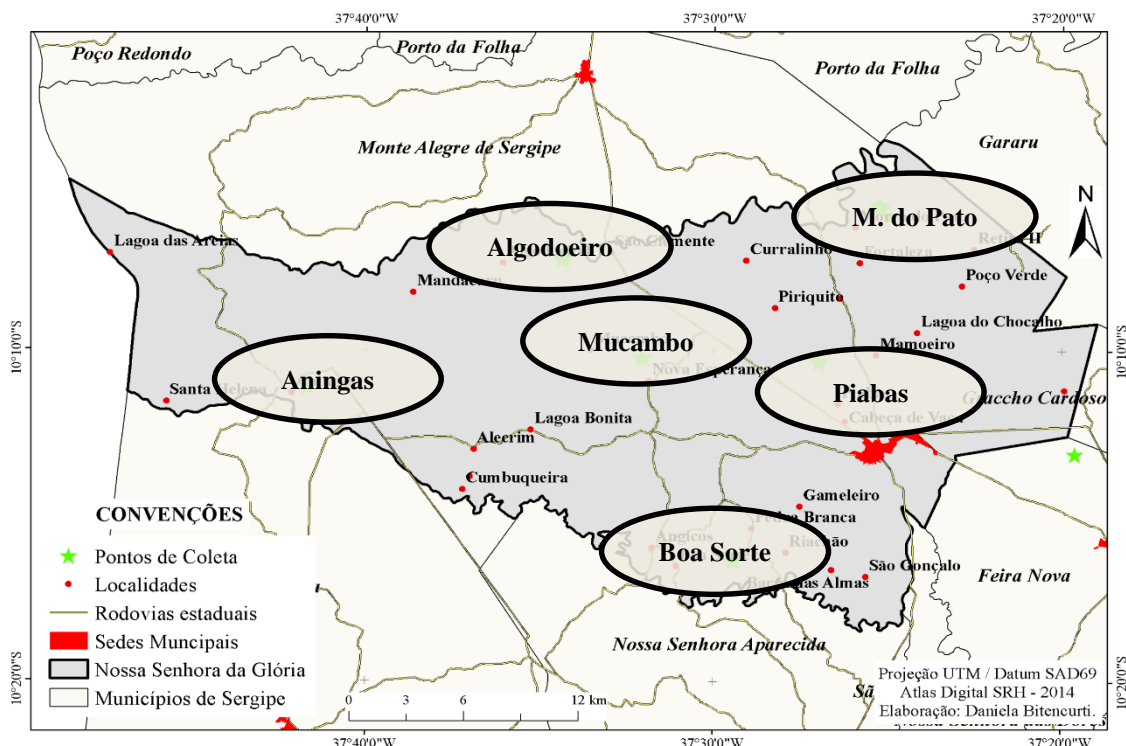


Figura 2. Parcelas experimentais distribuídas ao longo do município de Nossa Senhora da Glória-SE (Fonte: Daniela Bitencurti).

A densidade relativa foi estimada através das seguintes equações (eq.1 e 2):

$$DA = \frac{n}{A} \quad (\text{eq. 1}); \quad DR = \frac{DA}{DT} \cdot 100 \quad (\text{eq. 2})$$

Em que,

DA = densidade absoluta da espécie (indivíduos/ha);

n = número de indivíduos da espécie na amostragem;

A = área total amostrada, em hectare;

DR = densidade relativa (%) da espécie;

DT = densidade total, em número de indivíduos por hectare (soma das densidades de todas as espécies amostradas).

A frequência relativa foi estimada através das seguintes equações (eq. 3 e 4):

$$FA = \frac{u}{ut} \cdot 100 \quad (\text{eq. 3}); \quad FR = \frac{FA}{FT} \cdot 100 \quad (\text{eq. 4})$$

Em que,

FA = frequência absoluta da espécie na comunidade vegetal;

u = número de unidades amostrais em que espécie ocorre;

ut = número total de unidades amostrais;
FR = frequência relativa (%) da espécie na comunidade vegetal;
FT = frequência total (soma das frequências de todas as espécies amostradas).

Para avaliar a homogeneidade das parcelas experimentais no que tange a ocorrência de espécies, utilizou-se do Índice de Similaridade de Jaccard. De acordo com Martins (2004) este índice estuda as causas e efeitos da co-habitação de plantas num determinado ambiente, do surgimento, desenvolvimento e estrutura dos agrupamentos vegetais, assim como dos processos correlacionados em sua continuidade ou em mudança ao longo do tempo. Nesse índice, a similaridade é máxima quando o valor é igual a 1 e inexistente quando for 0. Em geral, acima de 0,5 indica alta similaridade. É estimado através da seguinte equação:

$$IS_j = \frac{a}{a + b + c}$$

Em que,

ISj = Índice de Similaridade de Jaccard;
a = número de espécies comuns em ambas as comunidades;
b = número de espécies exclusivas da primeira comunidade;
c = número de espécies exclusivas da segunda comunidade.

Os dados foram analisados de forma descritiva através do editor gráfico Microsoft Office Excel.



Figura 3: Coleta de espécies vegetais para avaliação no assentamento Adão Preto, município de Nossa Senhora da Glória-SE.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificados 7213 indivíduos na área de estudo, pertencentes a 82 espécies, distribuídas em 37 famílias, 30% arbóreas, 30% arbustivas e 40% herbáceas.

Tabela 2. Valores de densidade relativa (DR) e frequência relativa (FR), em porcentagem, correspondente a cada espécie vegetal identificada típica da caatinga no município de Nossa Senhora da Glória-SE.

| Família | Espécie | Nome popular | DR* | FR** |
|----------------|----------------------------------|---------------------|------------|-------------|
| Asteraceae | <i>Bidens pilosa</i> | Picão (Carrapicho) | 12,17 | 4,39 |
| Euphorbiaceae | <i>Crotonheliotropiifolius</i> | Velame | 8,25 | 3,84 |
| Fabaceae | <i>Caesalpinhiapyramidalis</i> | Catingueira | 5,57 | 4,94 |
| Fabaceae | <i>Senna obtusifolia</i> | Mata pasto | 4,87 | 2,93 |
| Ranunculaceae | <i>Helleborusfoetidus</i> | Erva besteira | 4,85 | 1,10 |
| Boraginaceae | <i>Heliotropiumindicum</i> | Crista de galo | 4,58 | 3,11 |
| Malvaceae | <i>Herissantiatubae</i> | Mela bode | 4,38 | 1,46 |
| Fabaceae | <i>Piptadeniastipulacea</i> | Jurema branca | 3,74 | 3,29 |
| Bromeliaceae | <i>Bromelialaciniosa</i> | Macambira | 3,67 | 2,01 |
| Asteraceae | <i>Galinsogaquadriradiata</i> | Florzinha | 3,54 | 1,65 |
| Lamiaceae | <i>Hyptispectinata</i> | Sambacaitá | 3,51 | 0,91 |
| Asteraceae | <i>Baccharisdracunculifolia</i> | Alecrim do campo | 2,69 | 2,19 |
| Lamiaceae | <i>Ocimumbasilicum</i> | Manjerição do mato | 2,47 | 1,28 |
| Bromeliaceae | <i>Bromeliapinguin</i> | Gravatá | 2,44 | 2,01 |
| Malvaceae | <i>Sida rhombifolia</i> | Relógio | 2,34 | 1,65 |
| Fabaceae | <i>Bauhiniaforficata</i> | Mororó | 2,14 | 2,01 |
| Asteraceae | <i>Centrathetumpunctatum</i> | Botão-de-lapela | 2,08 | 1,65 |
| Nyctaginaceae | <i>Boerhaviadiffusa</i> | Pega pinto | 2,07 | 0,73 |
| Capparaceae | <i>Capparis flexuosa</i> | Feijão bravo | 1,87 | 1,65 |
| Amaranthaceae | <i>Alternantherapolygonoides</i> | Quebra-panela | 1,75 | 1,28 |
| Fabaceae | <i>Anadenanthera colubrina</i> | Angico | 1,71 | 3,84 |
| Euphorbiaceae | <i>Cnidoscolusvitifolius</i> | Cansação | 1,55 | 2,19 |
| Euphorbiaceae | <i>Manihotpseudoglaziovii</i> | Maniçoba | 1,48 | 3,66 |
| Cactaceae | <i>Tacingapalmadora</i> | Palmatória | 1,41 | 1,65 |
| Portulacaceae | <i>Portulacaoleracea</i> | Beldroega | 1,30 | 0,91 |
| Bromeliaceae | <i>Neoglazioviavariegata</i> | Carúa | 0,90 | 1,10 |
| Sapindaceae | <i>Cardiospermumcorindum</i> | Amarra-cachorro | 0,86 | 1,10 |
| Verbenaceae | <i>Lantana câmara</i> | Cambará | 0,86 | 1,10 |
| Malvaceae | <i>Malva sylvestris</i> | Malva comum | 0,75 | 0,73 |
| Cactaceae | <i>Cereus jamacaru</i> | Mandacaru | 0,65 | 3,11 |
| Anacardiaceae | <i>Myracrodruonurundeuva</i> | Aroeira | 0,65 | 1,83 |
| Capparaceae | <i>Capparisycoc</i> | Icó | 0,62 | 1,83 |
| Rubiaceae | <i>Borreriaverticillata</i> | Vassourinha | 0,61 | 1,28 |
| Euphorbiaceae | <i>Crotonsonderianus</i> | Marmeleiro | 0,58 | 1,46 |
| Menispermaceae | <i>Cissampelos parreira</i> | Parreira | 0,57 | 0,73 |
| Apocynaceae | <i>Aspidospermapyrifolium</i> | Pereiro | 0,51 | 1,46 |
| Cactaceae | <i>Pilosocereuscattingicola</i> | Facheiro | 0,46 | 3,11 |
| Asteraceae | <i>Ageratumconyzoides</i> | Mentrasto | 0,42 | 0,73 |
| Cactaceae | <i>Tacingainamoema</i> | Quipá | 0,42 | 1,10 |

Continuação ...

| | | | | |
|----------------|-----------------------------------|---------------------|------|------|
| Bignoniaceae | <i>Tabebuia impetiginosa</i> | Pau darco | 0,32 | 0,55 |
| Talinaceae | <i>Talinumpaniculatum</i> | Manjogome | 0,31 | 0,73 |
| Fabaceae | <i>Caesalpinia férrea</i> | Pau ferro | 0,29 | 0,91 |
| Fabaceae | <i>Mimosa tenuiflora</i> | Jurema Preta | 0,29 | 1,28 |
| Sapotaceae | <i>Sideroxylonobtusifolium</i> | Quixabeira | 0,29 | 1,46 |
| Cucurbitaceae | <i>Cucumisanguria</i> | Maxixe | 0,24 | 0,37 |
| Anacardiaceae | <i>Schinopsis brasiliensis</i> | Baraúna | 0,24 | 1,65 |
| Cactaceae | <i>Harrisiaadscendens</i> | Rabo de raposa | 0,21 | 0,73 |
| Euphorbiaceae | <i>Jatropha curcas</i> | Pinhão manso | 0,21 | 1,83 |
| Rubiaceae | <i>Amburana cearensis</i> | Imburana | 0,17 | 0,91 |
| Fabaceae | <i>Amaranthus spinosus</i> | Brêdo | 0,15 | 0,91 |
| Euphorbiaceae | <i>Sapiumsceleratum</i> | Burra leiteira | 0,15 | 0,18 |
| Rhamnaceae | <i>Ziziphus joazeiro</i> | Juazeiro | 0,15 | 0,91 |
| Commelinaceae | <i>Commelina erecta</i> | Santa Luzia | 0,14 | 0,37 |
| Fabaceae | <i>Parapiptadenia zehntneri</i> | Angico manjolo | 0,14 | 0,73 |
| Passifloraceae | <i>Passiflora cincinnata</i> | Maracujá do mato | 0,14 | 0,55 |
| Nyctaginaceae | <i>Guapiragraciliflora</i> | João mole | 0,12 | 1,28 |
| Euphorbiaceae | <i>Cnidoscolus quercifolius</i> | Favela | 0,10 | 0,18 |
| Commelinaceae | <i>Commelinabenghalensis</i> | Trapoeiraba | 0,10 | 0,37 |
| Celastraceae | <i>Maytenus rígida</i> | Bom nome | 0,10 | 0,37 |
| Cucurbitaceae | <i>Sicana odorifera</i> | Crúa | 0,10 | 0,18 |
| Convolvulaceae | <i>Ipomoea purpurea</i> | Jitirana azul | 0,08 | 0,37 |
| Fabaceae | <i>Prosopis juliflora</i> | Algaroba | 0,08 | 0,73 |
| Urticaceae | <i>Urtica dioica</i> | Urtiga | 0,07 | 0,37 |
| Anacardiaceae | <i>Spondias tuberosa</i> | Umbuzeiro | 0,06 | 0,73 |
| Fabaceae | <i>Acacia obliuifolia</i> | Mata fome | 0,04 | 0,18 |
| Violaceae | <i>Anchietea salutaris</i> | Cipó suma | 0,04 | 0,37 |
| Apocynaceae | <i>Calotropis procera</i> | Flor de seda | 0,04 | 0,37 |
| Canellaceae | <i>Capsicodendron dinisii</i> | Pau para tudo | 0,04 | 0,37 |
| Malvaceae | <i>Ceiba glaziovii</i> | Barriguda | 0,04 | 0,55 |
| Cucurbitaceae | <i>Momordica charantia</i> | Melão de S. Caetano | 0,04 | 0,18 |
| Asparagaceae | <i>Sansevieria trifasciata</i> | Espada de São Jorge | 0,04 | 0,18 |
| Cactaceae | <i>Brasilopuntia brasiliensis</i> | Cacto pé de mamão | 0,03 | 0,18 |
| Euphorbiaceae | <i>Jatropha gossypifolia</i> | Pinhão roxo | 0,03 | 0,18 |
| Arecaceae | <i>Syagrus coronata</i> | Ouricuri | 0,03 | 0,37 |
| Arecaceae | <i>Attalea oleifera</i> | Pindobeira | 0,01 | 0,18 |
| Fabaceae | <i>Desmanthus virgatus</i> | Jureminha | 0,01 | 0,18 |
| Fabaceae | <i>Erythrina velutina</i> | Mulungu | 0,01 | 0,18 |
| Cactaceae | <i>Pilosocereus gounellei</i> | Xique-xique | 0,01 | 0,18 |
| Fabaceae | <i>Senegalia polyphylla</i> | Unha de gato | 0,01 | 0,18 |
| Araceae | <i>Tacca rumicoides</i> | Milho de cobra | 0,01 | 0,18 |
| Talinaceae | <i>Talinum patens</i> | João gomes | 0,01 | 0,18 |
| Amoryllidaceae | <i>Zephyranthes sylvatica</i> | Lírio da caatinga | 0,01 | 0,18 |

Na Tabela 2 foi apresentada a relação das famílias e espécies encontradas na caatinga, dentre as quais 57 espécies apresentaram densidade relativa (DR) menor que 1% a exemplo do Mandacaru (*Cereus jamacaru*), Marmeleiro (*Crotonsonderianus*), Quixabeira (*Sideroxylonobtusifolium*), favela (*Cnidoscolusquercifolius*) e Xiquexique (*Pilosocereusgounellei*), 45 espécies tiveram frequência relativa (FR) menor que 1% como o Sambacaitá (*Hyptispectinata*), a Malva Comum (*Malva sylvestris*), Mulungu (*Erythrina velutina*), João Gomes (*Talinumpatens*) e Umbuzeiro (*Spondias tuberosa*). Três espécies apresentaram densidade relativa(DR) acima de 50% sendo o Carrapicho (*Bidens pilosa*), o Velame (*Crotonheliotropiifolius*) e a Catingueira (*Caesalpinhiapyramidalis*), as espécies Mata pasto (*Senna obtusifolia*) e Crista de galo (*Heliotropiumindicum*) também apresentaram valores significativos de DR. Às espécies que apresentaram maiores valores de FR foram o Picão (*Bidens pilosa*), a Catingueira (*Caesalpinhiapyramidalis*), o Velame (*Crotonheliotropiifolius*), o Angico (*Anadenanthera colubrina*), a Jurema Branca (*Piptadeniastipulacea*) e a Maniçoba (*Manihotpseudoglaziovii*). A quantidade de espécies encontradas nessa região pode ser justificada por causa do período das águas.

Conforme Begon, Townsend e Harper (2007) propõem alta densidade de uma espécie de pequeno porte, como no caso do *C. heliotropiifolius*, pode está demonstrando que a vegetação tende a ser arbustivo-aberta, em oposição a ideia de ambiente antropizado.

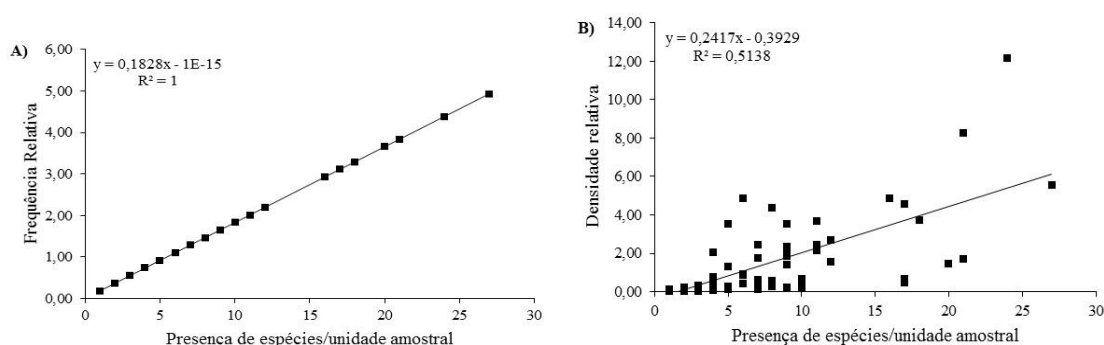


Figura 4. Relação entre Frequência Relativa (A) e Densidade Relativa (B) com a presença de espécies por unidade amostral no município de Nossa Senhora da Glória-SE.

Na figura 4 foi representada a frequência relativa, onde mostra que os indivíduos estão mais concentrados, enquanto a densidade relativa em relação às unidades amostrais encontram-se mais espalhadas na área amostral, nesse sentido a frequência relativa é igual a 5,00 para aproximadamente 30 espécies/área amostral. Enquanto a densidade relativa é de aproximadamente 5,00 para 10 espécies/área amostral, ou seja, a frequência relativa está ligada a presença de espécies nas determinadas áreas estudadas e podem ser encontradas na maioria das parcelas. Essa diferença entre a densidade relativa e a frequência relativa pode ter relação com fatores como a pluviosidade.

De acordo com Andrade-Lima (1992) na caatinga, parâmetros como densidade e frequência são determinados, principalmente, pelas variações locais da topografia, tipo de solo e pluviosidade.

Tabela 3. Valores da densidade populacional (DP – indivíduos/ha), número de indivíduos (NI), número de espécies (NE), número de famílias (NF) e proporção de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas no município de Nossa Senhora da Glória-SE.

| PARCELA* | DP | NI | NE | NF | Arbóreo | Arbustivo | Herbáceo |
|--------------|--------|-------|----|----|---------|-----------|----------|
| 1 | 54.200 | 1.355 | 44 | 25 | 32% | 34% | 34% |
| 2 | 35.280 | 882 | 36 | 17 | 39% | 33% | 28% |
| 3 | 47.080 | 1.178 | 40 | 19 | 25% | 38% | 38% |
| 4 | 51.000 | 1.275 | 43 | 22 | 42% | 21% | 37% |
| 5 | 40.920 | 1.023 | 29 | 14 | 31% | 41% | 28% |
| 6 | 60.000 | 1.500 | 30 | 16 | 30% | 37% | 33% |
| Área Total** | 48.087 | 7.213 | 82 | 37 | 30% | 30% | 40% |

*1. Povoado Adão Preto; 2. Povoado Algodoeiro; 3. Povoado Aningas; 4. Povoado Mucambo; 5. Povoado Piabas; 6. Povoado Morro do Pato. ** Corresponde ao total amostrado.

A densidade populacional (DP) encontrada neste estudo foi de 48087 indivíduos/ha para a área total. A parcela que mais se destacou no levantamento florístico com uma densidade populacional de 60.000 indivíduos/ha foi a parcela 6 que apresentou também o maior número de indivíduos (NI) 1.500, 30 espécies (NE) e 16 famílias (NF) do total de 7.213 espécies identificadas nas seis áreas, apresentando os estratos arbóreo 30%, arbustivo 37% e herbáceo 33%, seguido da parcela 1 com densidade populacional (DP) de 54.200 e 1.355 indivíduos (NI), 44 espécies (NE), 25 famílias (NF) com significativo índice de espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas.

Os índices de similaridade florística da caatinga calculados entre as seis áreas consideradas estão expressos na Tabela 4.

Tabela 4. Índice de similaridade de Jaccard nas diferentes áreas (parcelas) de Caatinga no município de Nossa Senhora da Glória - SE.

| PARCELA | Adão Preto | Algodoeiro | Aningas | Mucambo | Piabas | M. do Pato |
|------------|------------|------------|---------|---------|--------|------------|
| Adão Preto | | 0,38 | 0,42 | 0,35 | 0,28 | 0,35 |
| Algodoeiro | 0,38 | | 0,43 | 0,45 | 0,38 | 0,35 |
| Aningas | 0,42 | 0,43 | | 0,40 | 0,33 | 0,27 |
| Mucambo | 0,35 | 0,45 | 0,40 | | 0,35 | 0,30 |
| Piabas | 0,28 | 0,38 | 0,33 | 0,35 | | 0,31 |
| M. do Pato | 0,35 | 0,35 | 0,27 | 0,30 | 0,31 | |

Os índices de similaridade foram entre 0,27 Aningas e Morro do Pato a 0,45 Algodoeiro e Mucambo. De acordo com Kent & Coker (1992), valores maiores ou iguais a 0,5 indicam alta similaridade. Os índices encontrados entre as seis comunidades foi menor que 50% sendo considerados baixos, indicando haver diferenças florísticas significativas entre as parcelas. Os baixos índices de similaridade podem estar relacionados com fatores como a altitude entre as parcelas, a diferença de altitude entre as áreas Aningas e Morro do Pato foi de 120 m, entre Algodoeiro e Mucambo a altitude apresentou diferença de 40 m, o menor valor do índice de similaridade está entre as parcelas com maior diferença entre as altitudes, Aningas e Morro do Pato.

Apesar da distinção de cada família pelas particularidades nos elementos florísticos é possível observar que as parcelas postas em comparação compartilham uma significativa quantidade de espécies. Localmente, a altitude, profundidade e composição

química do solo, topografia e micro nutrientes têm sido apontadas como importantes na seleção e estabelecimento das espécies (PAGANO & LEITÃO FILHO, 1987; RODRIGUES et al., 1989). Nesse sentido, é perceptível que as condições físico-ambientais (a exemplo da localização geográfica) caracterizem um conjunto provável de fatores responsáveis pela similaridade ou dissimilaridade entre as áreas de vegetação (LACERDA et al., 2005).

5. CONCLUSÕES

Na caracterização da vegetação típica da caatinga pode-se concluir que na cidade de Nossa Senhora da Glória, alto sertão sergipano existe a presença de grande quantidade de espécies vegetais, dentre as espécies, as que tiveram maior ocorrência foram o Carrapicho (*Bidens pilosa*), o Velame (*Croton heliotropiifolius*) e a Catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*).

6. PERSPECTIVAS

A realização desse projeto teve como intuito caracterizar a vegetação da caatinga para com isso poder contribuir para construção de novos experimentos voltados para as áreas de caatinga que possam trazer benefícios para as comunidades do semiárido sergipano em relação a utilização das espécies vegetais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, U. P. et al. **Caatinga Biodiversidade e Qualidade de Vida**. Recife, PE: UFRPE, 2010.
- ANDRADE-LIMA, D. **O domínios das Caatingas**. Recife: UFRPE - Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária, CNPq, 48p. 1992.
- ARAÚJO FILHO, J.A., CARVALHO, F.C., GADELHA, J.A. et al. **Fenologia e valor nutritivo de espécies lenhosas caducifólias da Caatinga**. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 35, Botucatu, SP, 1998, Anais... Botucatu: SBZ, p. 360-361, 1998.
- ARAÚJO FILHO, J.A.; CRISPIM, S.M.A. **Pastoreio combinado de bovinos, caprinos e ovinos em áreas de caatinga no Nordeste do Brasil**. In: CONFERÊNCIA VIRTUAL GLOBAL SOBRE PRODUÇÃO ORGÂNICA DE BOVINOS DE CORTE, 2002, Concordia, SC. Anais... Corumbá, MS: Embrapa pantanal, 2002. p.1-7.
- BAKKE, O.A; PEREIRA FILHO, J.M.; BAKKE, I.A.; CODÃO, M.A. **Produção e utilização da forragem de espécies lenhosas da caatinga**. In: GARIGLIO, M.A.
- BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. **Ecologia de Indivíduos a Ecossistemas**. Porto Alegre, 2007. Editora Artmed, ed. 4.
- GÓMEZ-POMPA, A. **Posible papel de la vegetación secundaria en la evolución de la flora tropical**. Biotropica, Lawrence, 3: 125-35, 1971.
- KENT, M.; COKER, P. 1992. **Vegetation description analyses**. Behaven Press, London. 363pp.
- LACERDA, A. V.; NORDI, N.; BARBOSA, F. M.; WATANABE, E T. **Levantamento florístico do componente arbustivo-arbóreo da vegetação ciliar do rio Taperoá, PB, Brasil**. Acta Botanica Brasilica, v.19. p.647-656. 2005.
- MENDES, Leomax., **Caracterização de um fragmento de Caatinga em Sergipe: Produção de Forragem e Comportamento Ingestivo de Caprinos**. São Cristovão, 2017. Dissertação (Mestrado em Zootecnia)- Universidade Federal de Sergipe, 2017.
- MMA. **Pressões antrópicas atuais e futuras no bioma caatinga**. (2012). Disponível em <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/parte4_2caa.pdf>.
- MUELLER-DOMBOIS, D.; ELLENBERG, H. **Aims and methods of vegetation ecology**. John Wiley & Sons, New York, NY. 1974.
- PAGANO, S. N.; LEITÃO FILHO, H. F. **Composição florística do estrato arbóreo de mata mesófila semidecíduana município de Rio Claro (Estado de São Paulo)**. Revista Brasileira de Botânica. v.10. p.37-47. 1987.
- PRADO, D.E. **As Caatingas da América do Sul**. In: LEAL, R.I.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. da. **Ecologia e conservação da Caatinga**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003. 823p.

RODRIGUES, R. R.; MORELLATO, L. P. C.; JOLLY, C. A.; LEITÃO FILHO, H. F. **Estudo florístico e fitossociológico em um gradiente altitudinal de mata estacional mesófila semidecídua, na serra do Japi, Jundiaí, SP.** Revista Brasileira de Botânica. v.12, p.71-84, 1989.

SAMPAIO, E.V. Sá B.; CESTARO, L.A.; KAGEYAMA, P.Y. **Uso sustentável e conservação dos recursos florestais da caatinga.** Brasília: Serviço Florestal Brasileiro, 2010. p.160-179.

SAMPAIO, E. V. S. B.. Fitossociologia. Pp. 203-230. In: SAMPAIO, E. V. S. B.; MAYO S. J.; BARBOSA, M. R. V. (eds.) **Pesquisa botânica nordestina: progresso e perspectivas.** Sociedade Botânica do Brasil/Seção Regional de Pernambuco, Recife: 1996.

SANTOS, A. F.; ANDRADE, J. A. **Delimitação e regionalização do Brasil Semi-árido** - Sergipe. Aracaju. UFS, 1992.

SANTOS, G.R.A.; BATISTA, A.M.V.; GUIM, A. et al. **Composição química e degradabilidade in situ da ração em ovinos em área de caatinga no sertão de Pernambuco.** Revista Brasileira de Zootecnia, v.38, n.2, p.384-391, 2009.

SERGIPE, SECRETARIA DE ESTADO DO PLANEJAMENTO. **Sergipe em dados 2007.** Disponível <http://www.se.gov.br/userfiles/arquivos/725/caracterizacao_do_territorio.pdf>.

YDOYAGA-SANTANA, D.F.; LIRA, M.A.; SANTOS, M.V.F. et al. **Caracterização da caatinga e da dieta de novilhos fistulados, na época chuvosa, no semiárido de Pernambuco.** Revista Brasileira de Zootecnia, v.40, n.1, p.69-78, 2011.

8. OUTRAS ATIVIDADES

- ✓ Participação no 1º dia de campo sobre gramíneas forrageiras no alto Sertão Sergipano;
- ✓ Participação na IV SEMAC (Semana Acadêmica da UFS, Campus do Sertão);
- ✓ Participação em minicursos:
 - Bioética em pesquisas com animais;
 - Gerenciamento de referências bibliográficas para trabalhos de pesquisa e artigos científicos;
 - Redação científica e plágio acadêmico;
- ✓ Participação em palestras:
 - Estudos com aves silvestres no sertão;
 - Criação de coelhos;
 - Introdução à criação agroecológica de animais;
 - Manejo de pastagens: Cultura, ciência e prática;
- ✓ Participação na 11ª Festa do Ouro Branco como representante do curso de graduação em Zootecnia da Universidade Federal de Sergipe/campus do Sertão, em Nossa Senhora da Glória-SE;
- ✓ III Encontro de extensão, pesquisa e inovação em agroecologia, Picuí- PB;
 - Publicação de resumo simples. **Título:** Aspectos dos produtores de leite no interior de Sergipe: município de Nossa Senhora da Glória, SE.
- ✓ Curso de capacitação Estatística Básica e Experimental- UFS.